



Ecologia: Solidariedade com o cosmos

Luiz J. Dietrich (Org.)

Carlos Mesters
Claúdio Langone
Clever R. Neuenfeldt
Hélio S. Pacheco
Marcelo Barros
Wanda Deifelt



PNV 189

Ecologia: solidariedade com o cosmos

Luiz J. Dietrich (Org.)



2003

© Centro de Estudos Bíblicos

Rua João Batista de Freitas, 558 B.
Scharlau – Caixa Postal 1051
93121-970 São Leopoldo/RS Fone:
(51) 3568-2560
Fax: (51) 3568-1113
E-mail: vendas@cebi.org.br
www.cebi.org.org

Série: A Palavra na Vida – Nº 189

Ano: 2003

Organizador: Luiz. J. Dietrich

Colaboração: Wanda Deifelt, Carlos Mesters, Marcelo Barros, Cláudio
Langone, Hélio Schaidhauer Pacheco e Clever Renato Neuenfeldt

Reimpressão: 2012

ISBN: 85-89000-25-7

Sumário

Apresentação: <i>Luiz J. Dietrich</i>	5
Contribuições da Teologia Ecofeminista para uma leitura ecológica da Bíblia: <i>Wanda Deifelt</i>	14
O que a Bíblia tem a ver com a Ecologia, e o que a Ecologia tem a ver com a Bíblia: <i>Carlos Mesters</i>	28
Em busca de uma espiritualidade ecumênica e ecológica: <i>Marcelo Barros</i>	32
Meio ambiente e desenvolvimento sustentável: <i>Cláudio Langone</i> .	35
Por uma ação ecológica em nossas comunidades: <i>Hélio Schaidhauer Pacheco e Clever Renato Neuenfeldt</i>	46

Apresentação

A ecologia é o grande desafio dos tempos atuais. Para o CEBI é um novo desafio. Ou melhor é a ampliação de um antigo desafio.

No início, buscávamos descobrir o grito de Deus nos gritos dos pobres, dos oprimidos. Mas, conforme abraçamos esta luta, fomos percebendo que os pobres e os oprimidos têm muitos rostos. E da defesa dos pobres e oprimidos passou-se à defesa dos índios, dos negros. Num mundo extremamente desigual, nem mesmo a pobreza e a opressão são iguais para todos. Também o empobrecimento vivido por um homem é diferente do empobrecimento e da opressão vividos por uma mulher. Assim, da Teologia da Libertação, que tinha os pobres e os oprimidos como seus sujeitos e seus beneficiados, passou-se à Teologia Índia, à Teologia Negra e estamos recentemente integrando a Teologia Feminista.

Isto quer dizer que esquecemos os pobres e os oprimidos? Não. Este caminhar indica que não estamos lidando teoricamente com sujeitos abstratos. Antes, ao contrário: queremos lidar com as pessoas de carne e osso, etnia, sexo, idade e condição física. Queremos ter uma metodologia que nos ajude a trabalhar com as pessoas concretas, com as quais convivemos, as que habitam as nossas comunidades, pessoas que partilham do nosso cotidiano. E cada uma delas também é um mundo próprio, cada uma delas carrega a sua própria complexidade. O mundo das crianças, dos jovens, dos anciãos, dos doentes e portadores de deficiências performam marcas, facetas, qualidades que atravessam todas as outras caracterizações anteriores. No entanto, o sentimento que nos une a todas estas pessoas é o mesmo. Seu nome é solidariedade.

Este é o mais difícil e o mais necessário dos sentimentos. A solidariedade é, no entanto, um sentimento que precisa ser cultivado. Não deve restringir-se aos momentos de catástrofe, ou à solidariedade animal, às relações materno-paterno-filiais comuns a determinadas fases da vida dos mamíferos e de quase todas as espécies animais. Nem tampouco deve limitar-se às relações de cooperação e colaboração no trabalho. Muitos animais instintivamente agem assim para garantirem sua alimentação e sobrevivência. A solidariedade que precisamos aprimorar é aquela que nos faz ver o outro, a outra, a diferente, o diferente. É aquela que nos abre para aprender com eles, nos faz querer ver a

vida, ver os olhos deles, compartilhar seus sentimentos (simpatia = sentir juntos, ter os mesmos sentimentos), nos vincula com eles, nos faz sentir com eles (ter compaixão), que nos leva a sentir com sua pele, a colocar-nos em seu lugar (empatia), nos leva a experimentar com eles mais um pouquinho da imensa diversidade que é a vida. Quando somos capazes disso, então somos solidários. E, sem solidariedade, não encontraremos saída para os nossos dilemas.

A origem etimológica da palavra solidariedade é exatamente esta: sentir-se solidamente parte do mesmo corpo. E a ecologia, sendo somada à postura de responsabilidade para com a nossa comunidade, nos leva a compreender que esta comunidade é parte de múltiplas comunidades, integrando círculos cada vez maiores. Com as noções da ecologia, a solidariedade alcança então um valor universal, um nível cósmico, faz com que nos percebamos não só como membros da grande família humana, em que cada pessoa em sua pequena tribo está unida e comprometida com o destino da humanidade, mas que cada pessoa e cada comunidade está comprometida com o futuro de todas as formas de vida e mesmo da vida neste planeta. Com a ecologia, a solidariedade passa a abranger a nossa casa cósmica com todas as suas formas de vida e os ecossistemas que as sustentam. O cosmos é o nosso corpo, um grande corpo vivo em que se experimenta a grande sinfonia da vida, amorosamente partilhada conosco pelo Deus criador da Vida.

Porém, esse sentimento, essa atitude de se sentir e fazer-se parte de um corpo maior, e de ver a outra e o outro como parte de meu corpo, surge se a alimentarmos. Resulta de um esforço contínuo, é fruto de uma opção, de uma escolha. Todo o trabalho do CEBI quer fortalecer em nós esta opção, quer levar muitas outras e muitos outros a fazerem esta opção. A Assembleia Nacional do CEBI, que enfocou o tema da Ecologia, é mais um marco nessa caminhada. Regar, adubar, fortalecer esta opção é também o desejo da autora e dos autores dos textos desta publicação.

Embora hoje seja proclamada a terceira geração dos direitos, que afirmam a solidariedade planetária com todas as formas de vida (os direitos coletivos da humanidade e das futuras gerações à qualidade de vida, à integridade ecológica, à paz e ao acesso ao patrimônio tecnológico e cultural universal), a solidariedade no momento é campo de disputa entre os diversos atores sociais. A prática pode não ir muito além do discurso e das boas intenções, mantendo esta sociedade de desigualdades crescentes, construindo um grande simulacro de sociedade preocupada com a ecologia e a solidariedade.

Colocar, contudo, a discussão da ecologia como ampliação da solidariedade para com os pobres e oprimidos nos ajuda a não cair em tal situação. De fato a concepção básica de que a humanidade deve dominar e explorar a natureza provém da dominação e exploração do ser humano pelo ser humano. Na verdade essa concepção vem de tempos remotos em que o homem começou a explorar e dominar as mulheres dentro da família patriarcal. Por isso, essas coisas não podem ser tratadas separadamente. E a perspectiva da solidariedade cósmica permite este amálgama.

Somente a solidariedade pode nos ajudar a refundar a utopia e superar a barbárie advinda da desordem do mundo do trabalho, da produção e da distribuição. Este é o grande desafio deste novo milênio! Não devemos esperar por um programa a realizar. Devemos ser solidários, buscar soluções solidárias, com criatividade, com respeito à diversidade, cada um, cada uma partindo de sua localidade, num movimento de reconhecimento às gerações passadas, e de responsabilidade para com as gerações futuras; devemos ir tecendo seus fios e sinergicamente entrelaçando-os com a grande teia da vida no universo. O certo é que vivemos um tempo de transição e, portanto, de opções. Cabe a cada um escolher e fazer sua aposta fundamental!

Certamente a leitura deste conjunto de textos trará muita luz para estas opções.

O texto da Pa. **Wanda Deifelt**, teóloga feminista, inicia contando uma bela história de quatro mulheres. Em seguida, aborda o surgimento do ecofeminismo. As primeiras abordagens, conhecidas como “teologia da mulher”, “teologia na ótica da mulher” ou “teologia feminina”, enriquecidas pelo emprego da questão do gênero como uma categoria de análise da sociedade – ao lado das categorias de classe e raça – fazem surgir a “Teologia Feminista”. A Teologia Feminista firma-se com o método da desconstrução, no qual a suspeita serve como guia para revelar as relações das leituras bíblicas, teologias, instituições e práticas religiosas com o contexto onde surgiram (hermenêutica da suspeita). Assim, a Teologia Feminista não só demonstra e denuncia que muitas vezes de fato a religião fornece legitimação para atos de dominação, violência e discriminação, mas também resgata “elementos libertadores e afirmadores de dignidade que estão na raiz do Cristianismo e de outras religiões”. E com o resgate destes elementos inicia-se o processo de “reconstrução”, que é um processo criativo, no qual se apontam “novas formulações teológicas a partir de reinterpretações de textos bíblicos, da tradição da igreja e da vivência de fé das pessoas hoje”.

No processo de reconstrução, a busca por “modelos alternativos que fomentam relações baseadas na reciprocidade, solidariedade e amizade”, valores “possíveis a partir da busca pela justiça e pela paz, compreendida de acordo com o Shalom na concepção do Judaísmo: o bem-estar de toda criação”, estabelece a ponte entre o feminismo e o ecofeminismo. E assim entra na luta por “relações mais respeitadas – paritárias e integradas (holísticas) – que afirmam a dignidade de toda a vida”. De todas as formas de vida e de todos os elementos e relações que as tornam possíveis.

“Assim, utilizando o princípio da desconstrução e da reconstrução, percebe-se a urgência de criticar todo o modelo consumista, capitalista, racista, machista, excludente em que vivemos. Isto, inclui também a autocrítica, ou seja, perguntando em que medida a Bíblia e a tradição ajudaram a justificar modelos antiecológicos”, que a autora define como “modelos que negam a interdependência da parte com o todo e do todo com cada uma das partes, que fomenta desigualdades, que impede a vida.” Isso porque na América Latina o ecofeminismo exige “um compromisso da humanidade na vivência real, concreta e cotidiana dos valores que defendemos. Em outras palavras o ecofeminismo proclama uma coerência ética”.

Como uma pequena amostra, a autora analisa a tradução do termo *Adam*, em Gn 2,7. E, apesar da brevidade da análise, fica muito clara a necessidade e a grande contribuição da releitura da Bíblia e das tradições religiosas nesta perspectiva.

Entretanto, se por um lado o feminismo modifica-se ao aproximar-se da ecologia, a ecologia também precisa ser redefinida a partir de seu acercamento ao feminismo. A ecologia passa a ser compreendida como o estudo da casa em que habitamos: “da casa que habito, como meu próprio corpo, da casa que habito comunitária e socialmente, da casa que habito como cosmo”. No entanto, o ecofeminismo insiste em que o ponto de partida deve ser a experiência dos corpos das mulheres, porque é exatamente este o “lugar onde se revelam todas as opressões, discriminações, contradições e hierarquias que levaram à crise ecológica”. A experiência do corpo pessoal, portanto, se dá na relação com outros corpos. Por isso, é necessário tomar em consideração também as relações dos corpos entre si. Estas são “as experiências do corpo comunitário e social”. E aqui também o ecofeminismo se torna fortemente ecumênico, pois “é necessário ampliar a descrição de Paulo, em 1Cor 12, para abraçar não só quem pertence à comunidade, mas ao todo da sociedade”. Torna-se também mais ecológico, porque o respeito deve ser estendido “a todas as criaturas de Deus”.

A autora finaliza este ponto afirmando que “uma valorização do corpo comunitário e social impõe uma revisão de toda a interpretação bíblica e tradição da igreja que justificam a inferioridade dos corpos humanos em favor de uma realidade espiritual. Toda formulação que não questionar a dicotomia entre o mundo masculino e o feminino, público e privado, cultura e natureza, espírito e matéria, alma e corpo, sagrado e profano, razão e emoção, continua perpetuando valores hierárquicos. Sempre o primeiro é superior ao segundo, e quando se trabalha com valores de superioridade e inferioridade, não se pode resgatar a interdependência, afirmar a conexão mútua, ou celebrar a vida em sua complexa teia de relações”.

Aqui também começa a delinear-se mais claramente a perspectiva espiritual e mística envolvida. “O ecofeminismo afirma a inter-relacionalidade de todos os seres vivos, a interdependência entre o todo e a parte, a complexidade que mantém a vida”. Com isso se chega às experiências do corpo cósmico. “As experiências do corpo cósmico podem ser descritas como as experiências de uma espiritualidade encarnada, de uma mística do cotidiano, daquele reconhecimento da relação de todas as coisas entre si, da interdependência de todos os elementos, da energia vital que pulsa em todas as coisas, inclusive em nós, da percepção da divindade em toda a criação, do Deus presente em tudo... Esta espiritualidade, que diz ser o cosmo um corpo e cada corpo um cosmo, impulsiona um novo jeito de pensar acerca de nós mesmas/os: com muito mais humildade, com mais leveza, mais preocupação pelo bem estar de quem e do que nos cerca. Enfim, um resgate do *shalom*”.

Na sequência, frei **Carlos Mesters**, carmelita e biblista popular, nos brinda com uma contribuição a respeito da relação entre Bíblia e ecologia. E o faz com seu jeito, que tanto nos cativa, com um elenco de sete pontos articulados entre si como raízes, tronco, ramos e folhas de uma árvore. Dentre os três pontos que formam a raiz dessa árvore, dois são aspectos positivos que devem ser tomados como norteadores da leitura bíblica e da prática cristã e um é negativo e deve ser abandonado. Os dois aspectos positivos, as duas raízes boas, atravessam toda a Bíblia: a defesa da vida e a denúncia da idolatria. Dessas duas raízes brotaram na época bíblica, e brotam ainda hoje, vozes e movimentos proféticos denunciando a injustiça, a discriminação e a morte. Há, porém, a terceira raiz. Esta deve ser melhor conhecida para que possa ser definitivamente cortada. Essa raiz também aparece dentro da Bíblia. É a leitura da Palavra de Deus a partir do poder dominador. É uma interpretação que nasce do trono para legitimar e justificar os projetos de

dominação dos mais fortes sobre os mais fracos. É uma leitura que produz discriminação, hierarquias, que violenta os corpos e as mentes dos pobres, dos índios, dos negros, das mulheres... uma raiz que precisa ser cortada para que a árvore da vida possa crescer livre e sadia.

Frei Carlos fala ainda de dois outros pontos que seriam o tronco dessa árvore. São duas novas óticas: “a ótica ecológica”, uma nova maneira de compreender o mundo, que “faz com que aos poucos a gente comece a perceber que no universo inteiro, tudo está interligado. As pessoas, as plantas, os rios, os animais, as estrelas, o universo inteiro é uma grande unidade. A parte depende do todo e o todo depende da parte”. E dessa nova maneira de compreender o mundo e a vida nasce também uma visão de Deus “menos antropocêntrica e bem mais humilde”. Descortina-se um novo rosto de Deus.

As folhas e as flores que brotam desse tronco fecham o conjunto dos sete pontos. São elas: de um lado, uma perspectiva que permite resgatar da Bíblia relações que ainda hoje podem inspirar práticas holísticas e integradoras com a natureza, e por outro lado, uma “dimensão mística”, que nos ensina “a olhar a natureza como revelação de Deus”. Esta é, porém, uma mística que exige comprometimento e engajamento. Para que tudo se torne verdadeiramente “uma teofania, uma revelação de Deus” é necessário “uma ação transformadora”. São, portanto, sete pontos que nos conclamam a agir.

Em seguida, temos o texto do Pe. **Marcelo Barros**, monge beneditino e teólogo do ecumenismo. Abre sua fala, lembrando que o problema ecológico, mesmo que hoje atinja quase o mundo inteiro, é decorrente do modo ocidental de relacionar-se com a natureza. O ocidente agiu com a natureza como se fosse o seu dono e senhor onipotente. No entanto, os orientais “sempre tiveram uma relação muito natural, muito profunda, muito afetuosa, muito religiosa com ela. As religiões orientais sempre viram o sagrado em cada elemento da vida, na terra, na água, em cada ponto”. Partindo desse pressuposto, ele fala que construir uma espiritualidade ecológica, uma espiritualidade ecumênica, exige disposição para aprender com esses povos, com essas culturas.

Marcelo nos fala que esse aprendizado não significa tornar-se um índio, ou tornar-se um budista, ou um oriental, mas é “um caminho espiritual”. Esse caminho exige o abandono de qualquer sinal de arrogância para realizar a *kenosis*, como o esvaziamento do Pai, realizado em Jesus (Fl 2,7). Somente assim se pode alcançar “uma espiritualidade ecumênico-ecológica”. Lembra também que esta espiritualidade exige “uma espécie de ruptura com a mentalidade do mundo vigente, do mundo dominante”. Assim sendo, este caminho espiritual assumido hoje

é também um caminho profético. É profético na medida em que nos compele a uma solidariedade radical e total, pois nos leva a uma atitude de “grande comunhão” em que “a gente é um só com tudo o que existe”. E essa solidariedade nos leva a falar, a agir e a lutar em defesa não só das pessoas, mas também de todas as formas de vida que hoje estão ameaçadas de extinção. Esse caminho espiritual é uma releitura do caminho profético para o nosso tempo.

O próximo texto a compor a coletânea é o texto do Sr. **Cláudio Langone**, Engenheiro Químico e ex-Secretário Estadual do Meio Ambiente do Rio Grande do Sul. O texto começa com a afirmação de que a relação e o diálogo dos setores ambientais e governamentais com as igrejas deve partir do reconhecimento “da necessidade de uma revisão das relações entre a espécie humana e a natureza”. E que o diálogo “tem muito a ver com a dimensão religiosa, espiritual, porque as grandes mudanças que devemos operar são mudanças de valores éticos e morais”.

Segue com uma discussão sobre a origem do conceito do desenvolvimento sustentável e de seus limites. Acentua que a lógica da sustentabilidade não deve restringir-se às chamadas questões ecológicas ou à agenda verde, mas deve atravessar toda a discussão sobre as estratégias de desenvolvimento. E, nesse sentido, ressalta como muito importante o “compromisso da ética intergeracional”. Essa é uma ideia “presente em muitos povos indígenas, por exemplo, que antes de tomar uma decisão, olham para várias gerações para trás e várias gerações para a frente”. Depois inicia uma avaliação do que foi e o que resultou da 2ª Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada em 1992, no Rio de Janeiro, e que ficou conhecida como a ECO-92. Ali 179 chefes de Estado assinaram um plano chamado AGENDA 21, que, em 40 capítulos, traz propostas de ação para reverter o quadro cada vez mais crítico, causado pelo aumento da poluição, o esgotamento dos chamados recursos naturais, o consumo exacerbado, e o aumento da pobreza.

Dentre os vários desafios que permanecem hoje, citou como os mais urgentes: a diminuição da pobreza, isto é, a necessidade de uma repartição mais justa dos bens, dos serviços e das riquezas produzidas, e a necessidade de uma “mudança dos padrões de produção e consumo”. Para estender o padrão de consumo dos países ricos para todas as pessoas do mundo seriam necessários dois planetas terra e meio. No entanto, o quadro hoje, é diferente da época da ECO-92. Estamos dentro do processo da globalização, que promove uma grande circulação de matérias primas e de produtos e tem uma influência muito grande na

definição dos estilos de vida do planeta. Esse fluxo, apesar das resistências dos poderosos, precisa passar por uma regulação que promova a sustentabilidade. E se dá dentro de um processo de urbanização muito acelerado, urbanização que, no entanto, significa agregação de pobreza às cidades, causando pressão sobre as áreas de preservação ambiental e diminuição da qualidade de vida. Isso faz com que um dos grandes temas emergentes na discussão ambiental, hoje, em nível internacional seja “a questão da justiça ambiental, ou seja, como você promove mecanismos de regulação que diminuam as profundas desigualdades que a sociedade e que os diferentes grupos sociais têm no acesso aos bens naturais”. Dentre esses, o mais emblemático é o acesso à água. “O nível de desigualdade das pessoas no acesso à água, se nós considerarmos que a água que está aí no subterrâneo e nos rios é um bem público e todos nós temos o mesmo direito sobre ela, é brutal”.

A partir daí, passa a relatar sobre o encontro das Nações Unidas, realizado em Joanesburgo, que deveria servir para avaliar e implementar os acordos da ECO-92, mas que, por interferência dos países ricos, capitaneados pelos Estados Unidos, redundou em fracasso. Isso é visível no documento final, cujo conteúdo ficou genérico demais, sem nenhum compromisso concreto, e que mais de cem vezes cita a OMC-Organização Mundial do Comércio, subordinando “toda a lógica dos grandes acordos internacionais à dinâmica do comércio internacional”. Fala também do processo de esvaziamento pelo qual está passando esse tipo de grandes conferências e a própria ONU. Aponta também para o papel que cabe ao Brasil, agora com novo governo.

O Sr. Cláudio Langone termina sua apresentação com uma nota de esperança, que, no entanto, encerra para todos nós um grande desafio. Por um lado “estamos vivendo um momento de crise aguda, que deixa muito explícito quem é inimigo da sustentabilidade”, e “ao mesmo tempo nós estamos vivendo um processo de crise aguda do modelo neoliberal”. Por outro lado, verifica-se o “crescimento da articulação da sociedade civil em nível planetário, sobretudo em torno do Fórum Social Mundial”. Afirmar, porém, que “já está na hora de o Fórum Social Mundial, compreendendo a necessidade de manter sua diversidade, que é sua maior riqueza, compreender também a necessidade de que nós identifiquemos algumas grandes ideias-força que estruturem os elementos fundantes da ideia de uma nova globalização”. Em sua opinião, elas deveriam conter “a dimensão da sustentabilidade ambiental”, “a ideia de justiça ambiental”, e pensar “uma lógica diferenciada de desenvolvimento e de futuro para a humanidade”.

Fechando o conjunto, encontra-se o texto intitulado “Por uma ação ecológica em nossa comunidade: A vida está em perigo!”, do P. **Hélio Schaidhauer Pacheco**, animador do Grupo Ecológico TERRAGUAR. Este texto procura, a partir de uma motivação bíblico-cristã e do despertar de uma consciência ecológica, dar pistas simples e concretas de como iniciar uma ação ecológica, um grupo de defesa da qualidade de vida dentro da comunidade.

Embora bastante curto, o artigo fornece uma ajuda direta para que a preocupação com a questão ecológica não fique somente no discurso das pessoas. Ele propõe uma ação prática e objetiva. O discurso e a prática não devem ficar no nível da generalização, atacando problemas de ecossistemas distantes. É fundamental que sejam enfrentados os problemas concretos que atingem diretamente a comunidade. Propõe ainda que não se ataquem todos os problemas de uma só vez, mas sugere que se estabeleça uma ordem de prioridade e que se passe de um problema a outro somente quando o primeiro já estiver resolvido ou com solução definitivamente encaminhada. É uma bela contribuição para fazer mais gente colocar o pé nesta estrada!

Boa leitura!

Luiz José Dietrich